

Análise sobre representação LGBTI+ em um quadrinho de super-heróis: *Superman: Son of Kal-El*

Analysis of LGBTI+ representation in a superhero comic book: *Superman: Son of Kal-El*

Mário Jorge de Paiva¹

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro



10.11606/2316-9877.2022.v10.e203149

Resumo

Visa analisar uma questão conjuntural, que obteve impacto midiático: o fato de o novo Superman, personagem da *DC Comics*, ter se revelado um membro da comunidade LGBTI+, ao beijar outro homem, na edição *Superman: Son of Kal-El* número 5. Para a análise, usaremos técnicas qualitativas e abordaremos tal questão pela luz da história dos quadrinhos americanos. Em termos de aporte teórico, utiliza-se material diverso, mesmo que o foco maior recaia sobre o trabalho de Dandara Cruz (2017) e Mário Paiva (2021). Na conclusão, destaca-se que este novo Superman aborda o elemento *queer* de modo frontal e assim se afasta das categorias de *queerbaiting*, *queer coding* ou *uma representação conservadora da questão*.

Palavras-chave: LGBTI+. História em quadrinhos. DC Comics. Superman. Queer.

Abstract

It aims to analyze a situational issue, that had media impact: the fact that the new Superman is LGBTI+. For this analysis, we will use a qualitative methodology, in which we will approach the issue with the light of the history of comics. In terms of theoretical support, the main is on the work of Dandara Cruz (2017) and Mário Paiva (2021). In the conclusion, considers that this new Superman approaches the queer issue head-on, moving away from the categories of *queerbaiting*, *queer coding* or a *conservative representation* of the subject.

Keywords: LGBTI+. Comics. DC Comics. Superman. Queer.

¹ Doutor, mestre, licenciado e bacharel em Ciências Sociais pela PUC-Rio. E-mail: mariojpaiva91@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7158-4371>.

Introdução

Como é demonstrado em Mário Paiva (2021), há representações do amor não heterossexual desde tempos clássicos, mesmo que, enquanto elementos culturais, também existissem restrições e questões sensíveis, ponto abordado por autores desde Michel Foucault (2010, 2011) até Sarene Alexandrian (1993).

Partindo então desta base, em que representações de tais tipos de relacionamentos não são novidade e que se correlacionam com elementos históricos, sociológicos etc., gostaríamos, no presente artigo, de analisar um pouco da cultura pop atual, mais especificamente histórias em quadrinhos, tendo por foco uma história que relevou certa polêmica, ao apresentar o novo Superman, personagem central da DC Comics, como uma personagem LGBTI+, na edição *Superman: Son of Kal-El* número 5 (TAYLOR, TIMMS, 2021).

Por que estudar quadrinhos, cultura *pop*? Para Pierre Bourdieu (2006, p. 84), os quadrinhos são formas de arte ainda em vias de legitimação, que podem ser desdenhadas por detentores de maior capital escolar. Logo, em concordância com Dandara Cruz (2017), Mário Paiva (2021) e Slavoj Žižek (2017; 2018), acreditamos que existem formas de legitimação simbólicas, ideológicas dentro dos conteúdos que consumimos. Em outros termos: esses fatores não são neutros. Algo podemos aprender pela forma como é representado esse elemento *queer* no novo Superman. Nesse sentido, salienta-se que quando usamos o termo *queer* no presente artigo, estamos usando um conceito mais genérico, de algo que vai contra representações heterossexuais e algo correlacionado ao universo LGBTI+. Para mais detalhes, conferir Caravaca (2017).

Ainda sobre quadrinhos, podemos lembrar, com Darieck Scott e Ramzi Fawaz (2018, p. 197), como há algo *queer* neles, abundam marcadores sociais e estéticos que sugerem uma demarcação com a vida *queer*, mesmo que os *comics studies* e a teoria *queer* ainda não dialoguem tão bem, estando uns alienados da outra.

Em termos de abordagem metodológica, nossa primeira consideração é que esta é uma investigação qualitativa. Depois de uma revisão da literatura, nossa metodologia consistiu em identificar uma lacuna na bibliografia – ou seja, essa edição do Superman –, para, na sequência, colocarmos definições, tipos ideais do problema, e realizarmos uma análise dos dados.

A definição do problema consistiu em nos perguntarmos: tal abordagem foi uma representação suficiente, ou esbarra em questões comuns de representações LGBTI+? Ou seja, a nova versão do Superman esbarra nas categorias de *queerbaiting*, *queer coding* ou em uma representação conservadora?

Em termos de aporte teórico, fiamo-nos em múltiplos autores. Logo Foucault (2010; 2011), Green (2019), Trevisan (2018), Nunan (2003) nos são úteis, mesmo que o fio principal, de nossa investigação, seja Dandara Cruz (2017).

Como o campo de uma história ou sociologia dos quadrinhos ainda é restrito, comparativamente, com outros temas de estudo, nossa presente investigação apresenta um caráter introdutório.

O presente artigo se divide em quatro seguimentos. Após a *Introdução*, analisa-se a correlação de elementos existentes nas representações LGBTI+ e a questão das histórias em quadrinhos. Na terceira parte do trabalho, a parte realmente original do texto, realiza-se uma análise mais específica do número 5 de *Superman: Son of Kal-El*. Nas considerações finais, busca-se fornecer mais coesão e coerência ao artigo.

1 - Representações LGBTI+ e a questão das histórias em quadrinhos

Seguindo a análise de diversos autores, como Green (2019); Green, Quinalha (2018); Trevisan (2018); Nunan (2003); Bimbi (2017); Mota (2019) e Mott (2003), podemos ver que existiram períodos de perseguição contra minorias sexuais, e até os presentes dias problemas persistem, mesmo que muitos avanços também possam ser elencados.

Se nos gregos e romanos clássicos, vemos certa liberdade relativa ao se tratar dos temas sexuais, homossexuais etc. (ALEXANDRIAN, 1993), em algum ponto da história da Europa o que ocorreu foi uma tentativa de silenciar, ou punir, certas pautas sexuais. Isso foi bem demonstrado pela vida conturbada do Marquês de Sade (LEITE JR., 2000; PHILLIPS, 2005; SADE, 2006).

Mesmo que o século XX e XXI, por sua vez, mostre facetas preconceituosas, também surgiram pontos de corte e muitos avanços. Se pegarmos a literatura do fim do século XIX e início do século XX, a questão homossexual ainda aparece como algo, mormente, dramático. Como o caso do

livro *Bom crioulo*, de Adolfo Caminha (2015), originalmente publicado em 1895, ou mesmo certas obras de Nelson Rodrigues (2012). Mas, com o avanço do século XX, vão surgindo representações menos carregadas desse elemento (PAIVA, 2021). Em um movimento que fez certas marcas irem percebendo o potencial dos consumidores LGBTI+, e assim ousaram desafiar setores mais conservadores (PAIVA, 2019; COUTINHO, 2014) ou reacionários (LILLA, 2018), e criarem propagandas direcionadas para tais grupos de modo aberto (NUNAN, 2003).

Sobre os quadrinhos americanos, o foco maior do presente artigo, vemos como esses possuíram historicamente um público mais masculino e teriam se focado, assim, em fantasias e elementos imbuídos dos padrões heteronormativos. Cruz fala de uma representação de tais heróis como entes semidivinos, que se entranharam no imaginário das pessoas, com elementos de uma masculinidade exagerada e objetivificação feminina (CRUZ, 2017, p. 18).

A autora fala, também, de como artistas usaram a imagética para reafirmar essa masculinidade, algo relacionado aos corpos esculturais da arte greco-romana - sendo este o caso de personagens como o Tarzan desenhado por Hal Foster (figura 1), o Flash Gordon de Alex Raymond (figura 2), etc. -, havendo então pouca valorização, nessas personagens, de condutas que poderiam ser elencadas ao feminino (CRUZ, 2017, p. 43-44).

Figuras 1 e 2 – Corpos esculturais da arte greco-romana nos personagens de quadrinhos Tarzan e Flash Gordon





Fonte: Cruz, 2017, p. 44.

Mas alguns personagens vieram para se contrapor ao mencionado padrão (CRUZ, 2017; PAIVA, 2021). Nas quatro últimas décadas, do fim do século XX ao início do século XXI, o universo LGBTI+ ocupou mais espaço na cena pública, assim certas discussões sobre inclusão e representatividade aumentaram (CRUZ, 2017). E Cruz (2017, p. 16) trata da importância dessa representação para as minorias. Cruz (2017, p. 16-17) afirma, ainda, que a comunicação de massa e suas mídias são espelho e simulacro, refletindo e recriando o que tomamos por real. Por isso que se torna tão importante o processo de identificação: é uma afirmação da própria existência. Assim, está em questão o próprio direito à existência no espaço público, que a esfera da construção midiática coloca.

Nos quadrinhos de heróis com poderes, passou então a existir maior visibilidade de tais grupos, algo que termina por criar embates entre leitores mais conservadores ou progressistas (PAIVA, 2021). Enfim, aqui não estamos dizendo nada de radicalmente novo, pois se Nunan (2003) viu que essa representatividade podia criar querelas entre grupos, o que estamos apontando é que este padrão, em algum nível, pode ser encontrado nos criadores e leitores de quadrinhos também.

Alguns personagens dos anos 30, 40 ou 50, do século XX, são considerados alusões à homossexualidade, porém tais questões são ambíguas (CRUZ, 2017, p. 48), sendo que um nome de importância nessa linha temporal, segundo a autora, é o do psiquiatra Fredric Wertham, com seu livro *Sedução dos*

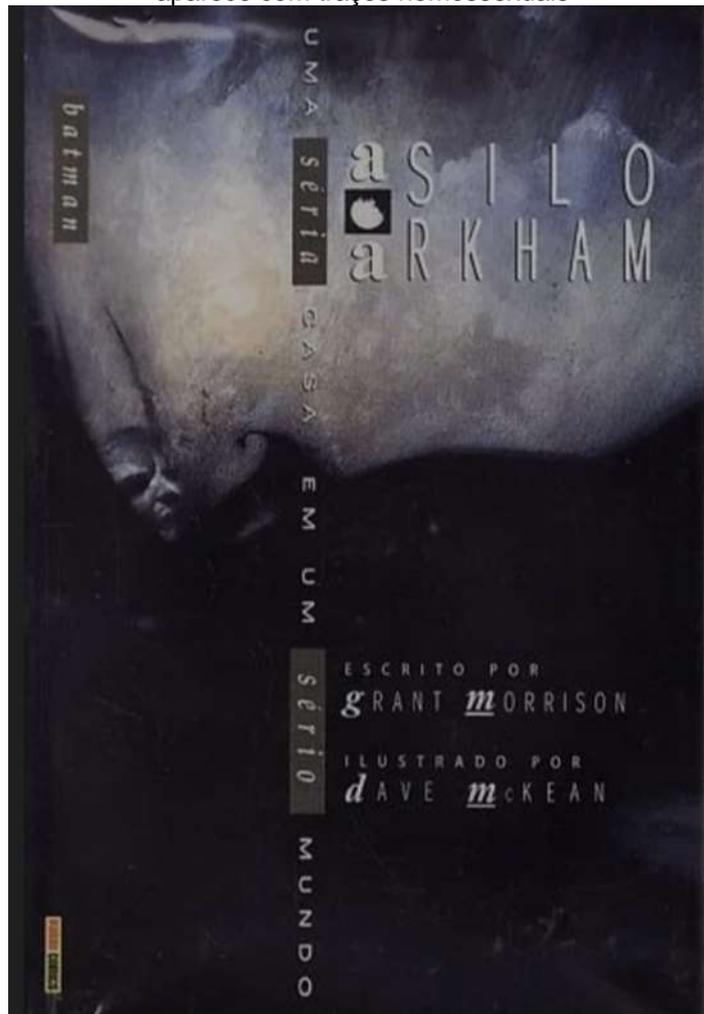
inocentes, de 1954, por ele acreditar que as histórias em quadrinhos poderiam levar os jovens não só à delinquência, mas também aos ditos *distúrbios sexuais* (CRUZ, 2017, p. 56).

Fala então a autora de um pânico anti-quadrinhos em 1954 e como isso levou editoras americanas, por medo de uma interferência do governo, a criar uma regulação própria. O *Comics Code Authority*, CCA, possuía o intuito de tranquilizar os responsáveis pelas crianças ou leitores das revistas em quadrinhos, e entre as normas, que garantiam o recebimento de tal selo de aprovação, havia uma imposição da não representação de *anormalidades sexuais* (CRUZ, 2017, p. 61-62).

As tentativas de contenção não funcionariam tão bem no médio prazo, se pensarmos que a liberação sexual, dos anos 1960, 70 e 80, terminou por pressionar tais padrões. Aqui podemos pensar, por exemplo, nas obras bastante sexuais de Robert Crumb (CRUZ, 2017, p. 64). Um ponto de corte que talvez Crumb aponte, como explicita Paiva (2021), é a divisão entre quadrinhos voltados para o público mais adulto e quadrinhos mais centrais.

Se alguns personagens de Alan Moore (2005) ou Neil Gaiman (2019) já demonstravam uma representação bastante aberta de questões LGBTI+, temos de ter em mente que esses representam selos adultos e linhas menos centrais nos quadrinhos. Em outros termos, ainda não temos aqui um Superman que beija outro homem, ou um Robin que se revela bissexual. Mesmo que também seja interessante uma menção existente em Paiva (2021) à *graphic novel Asilo Arkham* de 1989 (MORRISON, 2012, figura 3), que apresenta o maior vilão do Batman, o Coringa, como possivelmente *gay* ou bissexual, além de bastante sexualizado, para os padrões dos gibis.

Figura 3 – Capa de *Asilo Arkham*, de Grant Morrison, história em que a personagem Coringa aparece com traços homossexuais



Fonte: Acervo do autor.

E, claro, há outras histórias do Batman que apresentam certos elementos do Coringa como possivelmente *gay* ou bissexual etc., algo não explorado no mencionado artigo (PAIVA, 2021). Aqui podemos pensar na visão de Frank Miller (2011) sobre a personagem Coringa, em que chama atenção, em determinada parte da história, ver o Coringa passando batom, algo tipicamente associado ao feminino (figura 4). O próprio fim do combate, entre ele e o Batman, acontece dentro de um brinquedo chamado Barco do Amor, em que a personagem chama o rival de *sweet*. Um tratamento, obviamente, carinhoso, algo que se repete em outras tantas histórias, quando Coringa e Batman se encontram.

Já no primeiro encontro de tal vilão com o Batman em *Asilo Arkham*, ele o chama de *docinho* e *chuchuzinho*. O Coringa inclusive pergunta se o Robin já chegou à idade de se depilar (figura 5). A própria estética do Coringa em tal história é diferenciada, com saltos e unhas longas pintadas (PAIVA, 2021).

Figuras 4 e 5 – Representações homossexuais do Coringa em Asilo Arkham e Batman: O Cavaleiro das Trevas



Fontes: Morrison, 2012. Acervo do autor. Miller, 1986. Disponível na internet: <https://www.leiturasdelaura.blogspot.com/2017/03/?m=0>. Acesso em: 6 nov. 2022.

Já nas linhas mais voltadas para os jovens, mesmo com pontos fora da curva, ainda há toda uma cortina de fumaça. A personagem do mago Extraño (figura 6), da *DC Comics*, era considerada implicitamente *gay*, e seus estereótipos foram mal-recebidos pela própria comunidade *gay* americana. Tal personagem era obcecada pelo próprio cabelo, afeminada, e sua morte por HIV, já é um elemento polêmico (CRUZ, 2017, p. 66-67).

Figura 6 – Personagem Extraño, da DC Comics, com nítida representação da homossexualidade



Fonte: Cruz, 2017, p. 67.

A *Marvel*, por sua vez, também trabalhava com uma representatividade implícita, *vide* as vilãs Mística e Sina, que eram duas mães adotivas de outra personagem (CRUZ, 2017). Ou mesmo o caso da personagem Estrela Polar, herói de origem canadense que se revelou *gay* nos anos 1990 (figura 7).

Figura 7 – Estrela Polar, personagem da *Marvel* que revela sua homossexualidade

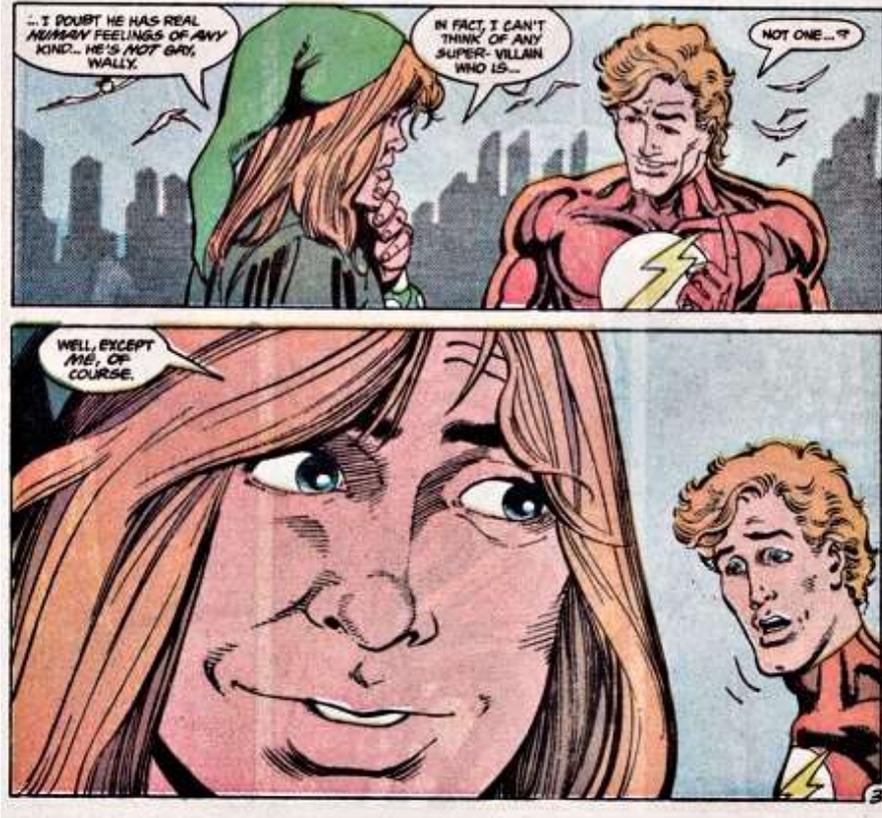


Fonte: Cruz, 2017, p. 135

A *Aliança Gay e Lésbica contra a Difamação*, GLAAD, deu prêmio para uma história em quadrinhos, no ano de 199, porque na edição número 53 da

publicação *The Flash*, um ex-vilão da personagem, no caso o Flautista, se revelou como *gay* para o herói (CRUZ, 2017, p. 71, figura 8). É um momento rápido, que não possui conexão com a batalha central da história, mesmo assim parece ter tido importância (CRUZ, 2017, p. 74).

Figura 8 – O Flautista, adversário do herói Flash, revela sua homossexualidade



Fonte: Acervo do Observatório de Histórias em Quadrinhos da ECA-USP

Segundo Cruz (2017, p. 83), com o CCA perdendo contundência, houve uma nova geração de artistas, nos anos 1990, que puderam trabalhar mais livremente com questões de sexualidade, como Todd McFarlane e Rob Liefeld. A autora, no entanto, salienta o fetiche masculino pela bissexualidade feminina.

Dos anos 2000 em diante é que vemos de forma mais positiva, na leitura da autora, representações da comunidade LGBTI+, dentro desse nicho menos alternativo. Nos *Jovens Vingadores* há o casal Hulkling e Wicanno, que estrearam em 2005, e aos poucos foram revelados como um casal, mesmo que o primeiro beijo só tenha acontecido em 2010 (CRUZ, 2017). Mário Paiva (2021) também relembra como esta história, ao ser comercializada na Bienal do Livro

do Rio de Janeiro, em 2019, causou alvoroço, graças às opiniões do então prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella.

Uma série de outras representações mais positivas e abertas também poderiam aqui ser recordadas, desde o surgimento de um Lanterna Verde *gay* nos *Novos 52*, passando por uma versão alternativa do Wolverine, que beija Hércules. Enfim, personagens bissexuais, *gays* ou lésbicas foram aumentando de número.

De representações muito discretas, ou voltadas para um nicho menor de mercado dos quadrinhos, se chegou ao momento, em que tais questões podem ser abordadas de formas abertas, e com aprofundamentos que saem do humorístico ou do puramente trágico (PAIVA, 2021).

2 - Análise de *Superman: Son of Kal-El* número 5

A seção anterior serviu como uma contextualização, mesmo breve e introdutória, do quadro social e histórico existente. Aqui vamos ao tema central do artigo, tal primeira revelação do Superman como um homem que gosta de outros homens. Como já dito na *Introdução*, há possíveis diferentes categorias para uma representação de personagens LGBTI+.

Em termos de tipos ideais, aqui delimitamos quatro possíveis tipos de representação: *queerbaiting*, *representação conservadora*, *representação moderada* e *representação central*. Explicaremos esses elementos, para na sequência, ao vermos como se desenrola tal trama em análise, terminemos por colocar essa edição dentro de algum dos tipos.

Sobre o *queerbaiting*: ele, em termos genéricos, é uma possível e muito discreta representatividade *queer*, o que pode levar certos fãs ao desapontamento, por terminar por se revelar como algo implícito, ou mesmo não existente. Aqui podemos pensar em uma possível tensão sexual entre certos personagens, que não irá avançar dentro da trama, sendo possível ser apenas uma forte amizade entre homens etc. (CARAVACA, 2017). Caravaca (2017), nesses termos, aborda longos olhares entre personagens masculinos, e mesmo como as cenas são filmadas, apontando para uma grande intimidade entre eles.

Nosso intuito não será aprofundar essa questão, mas o *queerbaiting* pode ser relacionado ao conceito de *queer coding*, que também envolve ver certos

elementos sociais e históricos como rastros, que indicariam uma caracterização *queer*, nem sempre positiva, em alguma personagem de livro, série etc. Esse *queer coding* poderia ser associado, por exemplo, com certos vilões, que por não seguirem certas regras sociais, se permitem ser diferentes do modelo mais clássico de herói.

Como vimos na parte anterior do texto, muitos quadrinhos antigos poderiam cair nessa categoria de *queerbaiting* ou *queer coding*. Mesmo que tenhamos de evitar certos anacronismos, ao nos lembrarmos como, por exemplo, a categoria de *queerbaiting* parece bem mais recente. O Mago Extraño não poderia ser lido como um *queerbaiting* que não funcionou?

Sobre representação conservadora pensamos em elementos LGBTI+ existentes, mas muito discretas também. Podemos enumerar o beijo lésbico do final de Star Wars IX (2019), ou na representação do mago Dumbledore no filme Animais Fantásticos 2, porque o máximo de contato físico que vemos entre ele e Gellert Grindelwald é um flashback, em que eles estão de mãos dadas, enquanto fazem uma magia de pacto de sangue. E o motivo deles estarem fazendo tal feitiço não fica claro, para quem não conhece tal série.

Vemos, também, com representações conservadoras, mesmo que mais explícitas, certas séries que colocam personagens para se revelarem *gays*, bissexuais etc., apenas em seu final. Aqui os exemplos comentados das séries animadas *Hora da Aventura* e *Avatar* (PAIVA, 2021), valem ser lembrados. Mas, claro, são campos mais difíceis, por terem um público mais juvenil; logo, despertam maiores pânicos morais.

Por *representação moderada* pensamos em personagens que surgem abertamente como LGBTI+, mesmo que isso não seja questão central da história. Aqui podemos pensar nos mencionados quadrinhos adultos de Alan Moore, ou nas representações mais abertas de sexualidade que surgem dos anos 1990 em diante, como o vilão Flautista.

Sobre a *representação central* pensamos em séries que colocam tal questão *queer* como o core da trama existente; aqui, podemos pensar em *mangás BL*, *Yaoi* etc. (ZSILA ET AL., 2018; TANKO, 2009, 2018), que colocam o romance entre seus personagens homens como o centro do enredo.

Agora que as categorias foram explicitadas, apresentemos nossa análise sobre a revista em questão.

A edição, em sua capa (figura 9), apresenta o vilão do arco, gigantesco, ao fundo, enquanto o novo Superman, Jon Kent, filho do Superman clássico, está desmaiado nos braços da personagem Jay Nakamura. Não há nada que nos indique *queerbaiting* em tal capa. O único foco que poderia apontar algum elemento *queer*, mesmo que de modo muito discreto, é o cabelo, entre o rosa e o roxo, da personagem Jay. O fato de a personagem Superman estar desmaiado, já o coloca em uma posição de vulnerabilidade, que será explorada na trama. Além disso, falando da ilustração de capa, vale citar também como o logo da DC Comics está colorido, fazendo referência à um dos mais famosos símbolos da comunidade LGBTI+, e em baixo está escrito “pride” (orgulho).

Figura 8 – Capa da revista *Superman: Son of Kal-El* número 5



Fonte: Acervo do autor

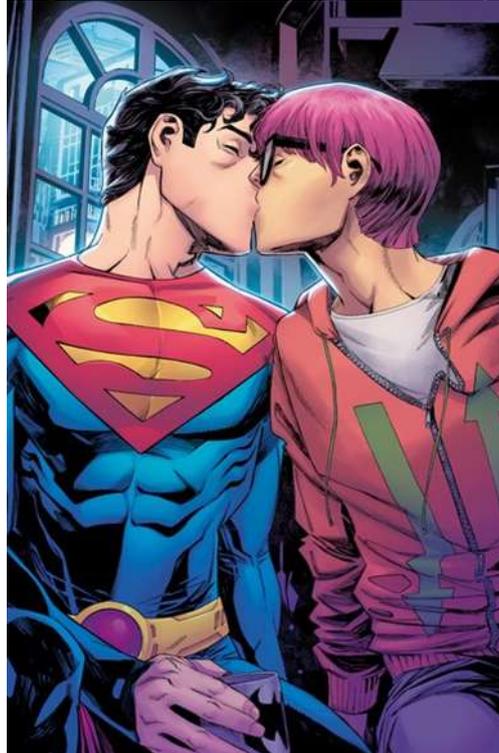
A história inicia com Superman resolvendo questões de típicas histórias em quadrinhos; voando, falando com outros heróis, indo salvar pessoas em risco, ao redor do globo. É interessante como esse elemento internacional do Superman, pode ser cruzado com outras boas histórias do herói, em que ele não limita sua atuação aos Estados Unidos.

Sobre os desenhos, se compararmos a estética de Son of Kal-El com o Superman de Frank Miller (2011), o que vemos é que mesmo sendo forte, esse novo Superman é mais esguio e de traços mais joviais; não sendo uma massa enorme de músculos. E o Superman ser jovem e esguio possui um propósito estético, isso que queremos apontar. Também diferindo assim de certos mangás e animês do gênero Boys` Love (BL), como Junjou Romantica (NAKAMURA, 2006), em que a idade está associada com uma maior experiência e traços mais masculinos do desenho.

E em determinado ponto da história, o Superman começa a passar mal, mas continua seu serviço de vigilância, pois parar significa inocentes morrerem. Jay só aparece na página 16, de uma história de 23 páginas. Eles conversam, no apartamento de Jay, e Superman conta que o vilão Bendix o acertou com um golpe de energia solar, o que deve ter lhe enfraquecido. As personagens falam em burnout e cansaço, o que já tira Superman da ideia de incansável e imbatível.

A personagem Superman termina dormindo, quando acorda ocorre um pequeno diálogo, antes deles se beijarem. A página 21 é ocupada completamente pelo beijo da dupla (figura 10). Depois eles sorriem, e, na sequência, o Superman diz que deve ir. Jay reclama. Superman termina por voltar para seu trabalho de vigilância, mas promete que irá voltar. A última página da edição mostrar o herói voando e sorrindo; deixou sua capa na casa da outra personagem.

Figura 10 – Beijo entre Superman e Jay



Fonte: Acervo do autor

Se a história começa com Superman caindo, descendo, com seu uniforme completo, o final da história o mostra ascendendo e sorrindo, com seu uniforme incompleto. A imagética da capa do herói é, em muitos casos, um dos elementos mais reconhecíveis; assim, o fato dele terminar a história sem a capa pode indicar um simbolismo, para a mudança da personagem. Um revigoramento esperado, diante das mudanças do modelo, já tão utilizado ao longo dos anos. Uma tentativa de atualização, mais uma atualização, de um personagem clássico para uma nova geração.

Como vemos é uma história curta, sem nenhuma grande ameaça ao planeta, ou combates entre heróis e vilões. Jay demora para aparecer na trama, mas possui papel importante. Enquanto uma estratégia de marketing, tal história funcionou, tendo batido recorde de vendas.

Há paralelo com a própria revelação da bissexualidade do terceiro Robin, Tim Drake, originalmente criado em 1989, em que a edição 6 de *Batman: Urban legends* (figura 11) esgotou nos Estados Unidos e Reino Unido. Em termos de estética, a história do Robin também trabalha com um casal jovem e com uma trama maior acontecendo, enquanto a revelação de bissexualidade é um elemento final dentro da edição. A trama começa com Robin indo salvar seu amigo Bernard

de um grupo de vilões. Depois do conflito resolvido, Tim Drake vai à casa de Bernard, e este termina chamando-o para sair, em que ele, Robin, aceita.

Figura 11 – A bissexualidade de Tim Drake é sugerida



Fonte: Batman: Urban Legends, n. 6, 2021. Disponível na internet:

<https://www.npr.org/2021/08/10/1026482411/batmans-sidekick-robin-comes-out-it-makes-sense-if-you-were-paying-attention>. Acesso em: 29 out. 2022.

Interessante, também, como a história de Robin trabalha, de forma contrastante, com a paleta de cores. Na luta contra os vilões, há uma paleta mais escura, noturna, carregada. A cena do herói indo, no dia seguinte, visitar tal outra personagem é bastante clara, enfocando assim, em nossa leitura, como não há nada de mal ou errado neles se relacionarem. Os elementos de cores, e estética no geral, também poderiam ser associados às coisas naturais, como o verde da grama e da planta atrás de Bernard, enquanto há também um céu azul claro ao fundo, e elementos brancos associados à claridade. Os personagens estão sorridentes, e com vestimentas confortáveis.

Como vemos, há similaridades e diferenças entre as edições. Ambas trabalham com casais jovens, e com certa estrutura de trama similar. Enquanto diferenças, vemos, por exemplo, um jogo de luz e sombra que não há na edição do Superman. E a apresentação do Superman LGBTI+ é mais explícita. Se, no caso do Robin, não vemos um beijo, também há uma questão dos uniformes. O Robin se declara bissexual sem sua típica fantasia, enquanto o Superman, além de beijar outro homem, o faz com o uniforme do herói.

Sobre nossos tipos: lendo tal edição, fica claro qual posição tal quadrinho ganha. Não pode ser considerado *queerbaiting* ou *queer coding*. Também não consideramos como uma representação conservadora, porque o beijo *gay* não é um elemento no fundo da cena; ou um casal andando de mãos dadas, como no caso citado de Dumbledore e Grindelwald. Por fim, esta também não pode ser considerada uma representação central, pois o foco maior de tais histórias de heróis não é, normalmente, sua vida amorosa.

Consideramos, então, tal edição como uma representação moderada do elemento *queer*. E por que isso pode ser interessante? Em primeiro lugar, por revelar essa assimilação da representação LGBTI+ em histórias que não são só do nicho adulto, como certas obras clássicas de Alan Moore ou Neil Gaiman. Se, no passado, os quadrinhos possuíam esse elemento de *queer coding*, em que, nos anos 1980, as personagens não se assumiam, o Superman entra agora no campo de representações abertas da comunidade LGBTI+, somando-se a outras iniciativas anteriores, como a dos *Jovens Vingadores*, por exemplo.

Considerações finais

O presente artigo visou falar sobre representações LGBTI+ em quadrinhos, tendo por elemento principal uma revista específica, *Superman: Son of Kal-El* número 5, considerado um *case* de *marketing* interessante, para se somar com uma análise histórica e sociológica do quadro em questão.

Como vimos, durante muito tempo, havia representações superficiais/negativas sobre a comunidade LGBTI+, algo relacionado ao amplo conceito de *queer coding*. Diante das liberdades sexuais, dos anos 1960, 70 e 80, surgiram questões e representações mais abertas. Histórias voltadas para públicos mais velhos parecem ter encabeçado uma abertura desse tipo de discussão, enquanto quadrinhos mais *mainstream* continuavam explorando certas representações veladas.

A distensão nos anos 1990 parece ter completado seu ciclo, com personagens sendo apresentadas abertamente como *gays* ou bissexuais no meio *mainstream*. Contudo, críticas ainda eram possíveis, existindo um avanço gradual.

Sobre essa nova representação do Superman: ele cairia no problema do *queerbaiting* ou do *queer coding*? Seria inesperado, mas a trama do arco daria

destaque central ao romance *gay* do Superman? Sua representação seria discreta, conservadora, como existente em outros produtos midiáticos anteriores? Nossa conclusão foi que tal personagem ganhou uma representação aberta. Sem *queerbaiting* e sem uma representação demasiadamente conservadora.

Referências

- ALEXANDRIAN, Sarene. *História da literatura erótica*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- ANIMAIS FANTÁSTICOS: os crimes de Grindelwald. Diretor: David Yates. Burbank: Warner Brothers, 2018. 134 min., col.
- BATMAN: Urban Legends, New York, DC Comics, n. 6, 2021.
- BIMBI, Bruno. *O fim do armário: lésbicas, gays, bissexuais e trans no século XXI*. Rio de Janeiro: Garamond, 2017.
- BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk, 2011.
- CAMINHA, Adolfo. *Bom crioulo*. São Paulo: Hedra, 2015.
- CARAVACA, Irene Rubio. *Queerbaiting: the unfulfilled promise of queer representation*. 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/37045999/Queerbaiting_The_Unfulfilled_Promise_of_Queer_Representation. Acesso em: 15 jan. 2022.
- COUTINHO, João Pereira. *As ideias conservadoras*. São Paulo: Três Estrelas, 2014.
- CRUZ, Dandara Palankof. *A outra ponte do arco-íris: discursos e representações LGBTT nas histórias em quadrinhos de super-heróis norte-americanas*. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2017.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*. São Paulo: Edições Graal, 2010. v. 2: O uso dos prazeres.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*. São Paulo: Edições Graal, 2011. v. 3: O cuidado de si.
- GAIMAN, Neil. *The Sandman: a game of you*. Nova Iorque: Vertigo, 2019.
- GREEN, James. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora UNESP, 2019.
- GREEN, James; QUINALHA, Renan. (org.). *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca pela verdade*. São Carlos: EDUFSCar, 2018.

LEITE JR., Jorge. *Elementos para uma história do conceito de sadomasoquismo*. Relatório final da bolsa de Iniciação científica PIBIC-CNPq do Projeto “Repercussões de Sade”. São Paulo: PUC- SP, 2000.

LILLA, Mark. *A mente naufragada*. São Paulo: Record, 2018.

MILLER, Frank. *Batman: Cavaleiro das Trevas. Edição definitiva*. São Paulo: Panini books, 2011.

MOORE, Alan. *V de vingança*. São Paulo: Panini books, 2005.

MORRISON, Grant. *Asilo Arkham: uma séria casa em um sério mundo*. Barueri: Panini Books, 2012.

MOTA, Murilo Peixoto da. *Saindo do armário: da experiência homossexual à construção da identidade gay*. São Paulo: Fontenele, 2019.

MOTT, Luiz. *Crônicas de um gay assumido*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

NAKAMURA, Shungiku. *Junjou Romantica*. California: Blue Manga, 2006. v. 1

NUNAN, Adriana. *Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo*. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003.

PAIVA, Mário Jorge de. Elementos para uma apresentação do pensamento conservador: da disposição conservadora aos conservadorismos decorrentes. *Caderno Eletrônico de Ciências Sociais (Cadecs)*, v. 7, n. 1, p. 90-106, 2019.

PAIVA, Mário Jorge de. John Constantine and the homoaffective question: an analysis of LGBTI+ representations in superhero comics and animations. *Revista Sem Aspas*, Araraquara, v. 10, 2021.

PHILLIPS, John. *The Marquis de Sade: a very short introduction*. New York: Oxford University Press, 2005.

RODRIGUES, Nelson. *O beijo no asfalto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

SADE, Marquês de. *The complete Marquis de Sade*. New York: Kensington Books, 2005.

SCOTT, Dariack; FAWAZ, Ramzi, Introduction: queer about comics. *American Literature*, v. 90, p. 197–219, 2018. Disponível em: https://www.academia.edu/36801487/Introduction_Queer_about_Comics. Acesso em: 02 nov. 2022.

STAR WARS: Episode IX – The rise of Skywalker. Diretor: J. J. Abrams. Burbank: Walt Disney Pictures, 2019. 141m., col.

SUPERMAN: Son of Kal-El, New York, DC Comics, n. 5, 2021.

TAYLOR, Tom; TIMMS, John. *Superman: son of Kal-El*, New York, DC Comics, n. 5, 2021.

TANKO. Yaoi x BL. *Blyme* [site] 2009. Disponível em: <http://blyme-yaoi.com/main/2009/11/10/palavra-do-dia-yaoi-x-bl/>. Acesso em: 28 dez. 2019.

TANKO. Riba (reversible) e Seke. *Blyme*. 2018 [site]. Disponível em: <http://blyme-yaoi.com/2018/2018/11/04/riba-reversible-e-seke/>. Acesso em: 28 dez. 2019.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da Colônia à Atualidade*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

ŽIŽEK, Slavoj. *Acontecimento: uma viagem filosófica através de um conceito*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

ŽIŽEK, Slavoj. *Lacrimae Rerum: ensaios sobre cinema moderno*. São Paulo: Boitempo, 2018.

ZSILA, Ágnes. *Et al. Loving the love of boys: motives for consuming yaoi media*. *PLoS ONE*, Firenze, v. 13, n. 6, p. 1-17, 2018.

Submissão: 01.10.2022

Aprovação: 26.10.2022